

NESTA “EFEMÉRIDE” O QUE TEMOS A COMEMORAR? O ENSINO DE HISTÓRIA E A GUERRA DO PARAGUAI 150 ANOS DEPOIS - ANÁLISE DA COLEÇÃO DIDÁTICA *PROJETO RADIX: HISTÓRIA (PNLD 2014)*

ANA PAULA SQUINELO*

RESUMO: O ensino relacionado ao conteúdo intitulado Guerra do Paraguai (1864-1870) apresenta, nos Livros Didáticos, ao longo dos séculos aspectos que são marcados por rupturas e permanências no saber e fazer históricos, tanto docente como discente. Refletir sobre esse processo é o objetivo desse artigo. Para efetivá-lo elenquei alguns elementos norteadores para subsidiar a análise, quais sejam: a historiografia brasileira referente ao conflito platino; questões pertinentes ao estudo sobre Livros Didáticos; e, finalmente, a Coleção Didática denominada *Projeto Radix: História* (PNLD 2014/História).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Guerra do Paraguai; Coleção Didática *Projeto Radix: História*.

ABSTRACT:The teaching about the content of the Paraguayan War (1864-1870) presents, in textbooks, along the centuries aspects that are marked by ruptures and continuities in historical knowing and doing, both student or teachers. Reflecting on this process is the goal of this article. To accomplish it I list to some guiding elements to support the analysis, namely: Brazilian historiography regarding the platinum conflict; relevant to the study of Textbooks issues; and finally, the Curriculum Design Collection Called Radix: History (PNLD 2014/History).

KEYWORDS: Education; War of Paraguay; Curriculum Design Collection Called Radix: History.

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) UFMS/CPAq/ Curso de História - Grupo de Pesquisa Historiografia e Ensino de História (HEH) Laboratório de Ensino de História (LEH) - e-mail: apsquinel@yahoo.com.br

Não nos enganemos: a imagem que temos de nós mesmos, e a que fazemos dos outros povos da Terra, está associada à história que nos contaram quando éramos crianças.

(Marc Ferro, *A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação*, 1983)

A assertiva de Marc Ferro sobre o processo de ensino da História como elemento fundamental da constituição das imagens que formamos e internalizamos acerca dos processos históricos, permite-me questionar pontos centrais que abarcam o ensino sobre a temática Guerra do Paraguai constante nos currículos escolares do ensino de História no Brasil.

Indagar como este conteúdo é ensinado; como constam nos currículos escolares; como são avaliados; como são abordados nos materiais didáticos; se as renovações historiográficas sobre o tema dialogam com a produção didática, entre outras questões, configuram-se em interrogações que permeiam o trabalho do professor/pesquisador que se dedica a este campo de investigação. Nesse sentido, pensar o ensino de História relacionado à Guerra do Paraguai (1864-1870) consiste em refletir não só sobre as transformações de cunho teórico-metodológico ocorridas no seio historiográfico ao longo do século XX, mas também as mudanças verificadas em relação ao tema em si, assim como as concernentes aos Livros Didáticos e as concepções pedagógicas que permeiam as relações de ensino-aprendizagem associadas à área de História.

Partindo dessas considerações proponho analisar nesta reflexão a temática do ensino pertinente a Guerra do Paraguai, tomando como eixo de análise a Coleção Didática¹ intitulada *Projeto Radix: História*². Para tal exercício pontuo alguns aspectos relativos à historiografia do conflito platino, assim como a dos estudos sobre Livros Didáticos, em especial as inseridas no

1 Esta pesquisa faz parte de um projeto maior intitulado “A Memória como produtora da História: ensino, currículo e manuais didáticos no Brasil e no Paraguai (1864-2014)”, que tem elencado como um dos objetivos a análise das Coleções Didáticas da área de História constantes no Guia de livros didáticos: PNLD 2014. Apresento, portanto, resultados parciais da pesquisa que ora encontra-se em andamento.

2 VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012.

contexto de produção brasileira.

A Guerra do Paraguai e a Historiografia Didática no Brasil

Nada mais tenho a dizer senão que tenho cada vez mais saudade de ti e que desejo que esta maldita guerra se acabe quanto antes.
(Benjamin Constant, *Cartas da Guerra*, 1999)

Tema merecedor da atenção de distintos pesquisadores a Guerra do Paraguai (1864-1870), ao longo do século XX, foi revisitada por estudiosos que se preocuparam com novos objetos, novos sujeitos e novas abordagens investigativas. As explicações e análises historiográficas referentes ao conflito platino nunca foram consensuais, ao contrário se delinearam e serviram aos diferenciados projetos políticos ideológicos dos países que se envolveram na contenda: Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai.

No Brasil a temática envolta a Guerra do Paraguai foi objeto de interesse investigativo desde seu término. Após a década de 1870 proliferou uma produção do conflito que estava ligada a escrita de uma história de viés positivista e produzida, em sua maioria, por protagonistas do conflito. Tais análises privilegiaram os aspectos políticos, diplomáticos e estratégicos como eixos explicativos da Guerra: descrição das batalhas, estratégias de combate, atuação de comandantes, por exemplo, são temas correntes nessa interpretação. Neste contexto buscou-se legitimar a atuação do Império brasileiro na Guerra e, ao mesmo tempo, construir uma ideia negativa e pejorativa do Paraguai e de seu governante Francisco Solano López.

De acordo com tal perspectiva e inserido neste projeto ideológico no qual o Paraguai foi visto como “o outro” e “demonizado”, foram publicadas obras no Brasil que tratavam da experiência de militares vividas no teatro de operações do conflito; nessa seara destacam-se: as *Cartas da Guerra*, de Benjamin Constant; as *Reminiscências*, de Dionísio Cerqueira; e, o *Diário*, de André Rebouças; dessas publicações vinculadas ao Exército

brasileiro destaca-se, ainda, a obra *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, de autoria de Tasso Fragoso e composta por 5 (cinco) volumes.

A visão gestada sobre a Guerra do Paraguai por estes escritos influenciou, entre o final do conflito e meados da década de 60 do século XX, a produção historiográfica, como também a didática. A título de exemplo cito as obras *Nossa Pátria (1917)*, *Compendio de Historia da America (1925)* e *História do Brasil (1960)*, de autoria de Rocha Pombo e, que durante décadas foram avalizadas pelo Governo Central e adotadas nas distintas regiões do país.

Esta visão denominada pela historiografia oficial brasileira de “Patriótica” perpassou os manuais didáticos de História daquele período e, nos bancos escolares, educou gerações de jovens e crianças que aprenderam a respeitar e idolatrar a Pátria brasileira que no contexto da Guerra do Paraguai teria sido cumpridora de seu encargo que era salvar a nação paraguaia e seu povo do “tirano” que governava aquele país: Francisco Solano López. O Império brasileiro nada mais fez senão cumprir a missão que lhe fora destinada.

As versões propagadas pela vertente historiográfica consagrada como “Patriótica” foi questionada no Brasil a partir da década de 1960 e, influenciados pelos estudos do jornalista Júlio José Chiavenato que ao publicar a obra *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai* apresentava outra explicação para os eventos que se referiam a Guerra do Paraguai; Chiavenato buscou deslocar o olhar que culpabilizava a nação guarani pela eclosão e transcurso da Guerra e, procurou transferir tal ocorrência ao Brasil.

Nessa vertente explicativa a causadora do conflito teria sido a Inglaterra que para assegurar seus interesses econômicos e sua hegemonia na região Platina teria manipulado e levado Brasil, Argentina e Uruguai para a Guerra contra o Paraguai. Esta versão denominada, no Brasil, de “Imperialista” influenciou a escrita da história e, logo dos manuais didáticos, até meados da década de 1990.

Desse período destacam-se, por exemplo, as Coleções Didáticas *Os caminhos do homem (Ricardo de Moura Faria, Flávio*

Berutti e Adhemar Martins Marques) e *Nova História Crítica da América* (Mario Schmidt), que propagou tais conteúdos com viés marxista, ressaltando-se a ênfase aos aspectos econômicos, legando ao aluno um conhecimento parcial e tendencioso do conflito. Mais uma vez os educandos tanto da educação básica, como da superior, ficaram a mercê das nuances que caracterizam a produção do conhecimento histórico.

Inseridas no âmbito da renovação pela qual a historiografia passou a partir da década de 1980 e, munidos das ferramentas teóricas e metodológicas do ofício do historiador, novos olhares foram lançados sobre a temática da Guerra do Paraguai; novos objetos de estudo se configuraram, assim como novos sujeitos foram resgatados das “margens da história” e, novas abordagens foram impressas a análise desse processo.

Frutos do supracitado contexto obras foram editadas e publicadas no mercado nacional e passaram a pautar as discussões sobre o conflito platino. Para o estudioso desta área é de suma relevância a leitura de autores como Bandeira, Doratioto, Salles, Peres e Toral, como possibilidade de compreensão da complexa relação que se estabeleceu na Bacia do Prata às vésperas da eclosão do conflito, como também o entendimento do cotidiano, das mazelas, improvisos e imprevistos que marcaram os consecutivos anos da guerra. A atenta leitura dessas obras permite-nos ainda enxergar os diversos sujeitos que protagonizaram o dia a dia do conflito, como os indígenas, os negros, as mulheres (esposas, enfermeiras, prostitutas, “soldados”), os comerciantes, os soldados de baixa patente, entre outros que compunham um grupo heterogêneo no cenário da Guerra. A partir da leitura de fotografias, pinturas, cartas, diários, memórias, litografias, charges, anúncios de jornal, literatura, entre outros, portanto a incorporação da noção ampliada de fonte histórica, autores como Salles e Toral trouxeram à tona outras imagens da guerra guarani.

São essas transformações que marcam a produção do conhecimento histórico acerca da Guerra do Paraguai que estabeleço como eixo norteador e mediador da discussão que realizo neste artigo. Pensar em que medida tais renovações

historiográficas alcançam e, se atingem como se configuram na produção de Livros Didáticos na contemporaneidade configura-se como o problema central da proposição dessa reflexão.

A Coleção Didática Projeto Radix: História (PNLD 2014)

No século XIX, quando os Estados Nacionais, recentemente constituídos, reivindicam um papel de destaque na formação das novas gerações e aos poucos passam a substituir as famílias, total ou parcialmente, as autoridades religiosas, o livro escolar torna-se um símbolo da soberania nacional. (Alain Choppin, 2004)

Analisar uma Coleção Didática não se traduz em uma tarefa fácil para o pesquisador desse campo de investigação, tendo em vista que uma obra didática pode ser pensada sobre diversos ângulos, perspectivas e abordagens. O historiador francês Alain Choppin que dedicou suas pesquisas aos manuais didáticos, afirmou que no domínio da pesquisa acadêmica acerca dos Livros Didáticos, pode-se averiguar duas posturas:

[...] a primeira, por muito tempo privilegiada pelos pesquisadores e que continua ainda na atualidade, refere-se à crítica ideológica e cultural dos livros didáticos; a segunda, mais recente, mas que tem sido cada vez mais considerada desde o final dos anos 1970, analisa o conteúdo dos livros didáticos segundo uma perspectiva epistemológica ou propriamente didática³.

Embora Choppin aponte que essas duas frentes são indissociáveis alertou pra aspectos da pesquisa com o Livro Didático que são merecedores de estudos mais meticulosos. Nesse sentido apontou que

[...] apenas os *prefácios* foram considerados dignos de interesse, na medida em que, nos limites de uma exposição sucinta, elaborada e

3 CHOPPIN, Alain. História dos Livros Didáticos e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004, p. 555.

refletida, tais prefácios permitem discernir os projetos conscientes – confessados, ou confessáveis – dos autores e medir a clivagem entre os princípios alegados e a aplicação que deles é feita no livro. No entanto, outros elementos, até mais reveladores das intenções ideológicas ou pedagógicas dos autores, como as notas de rodapé, os resumos, a formulação dos títulos e subtítulos dos capítulos, os sumários, o léxico, os index ou, simplesmente, o próprio título dos livros mereceriam ser estudados com mais cuidado⁴.

E, ainda:

Também, têm sido negligenciadas as características “formais” dos livros didáticos. A organização interna dos livros e sua divisão em partes, capítulos, parágrafos, as diferenciações tipográficas (fonte, corpo de texto, grifos, tipo de papel, bordas, cores, etc.) e suas variações, a distribuição e a disposição espacial dos diversos elementos textuais ou icônicos no interior de uma página (ou de uma página dupla) ou de um livro só foram objeto, segundo uma perspectiva histórica, de bem poucos estudos, apesar dessas configurações serem bastante específicas do livro didático. Com efeito, a tipografia e a paginação fazem parte do discurso didático de um livro usado em sala de aula tanto quanto o texto ou as ilustrações⁵.⁶

Levando em consideração tais ensinamentos de Alain Choppin busquei estudar o conteúdo referente à Guerra do Paraguai inserido na Coleção Didática *Projeto Radix: História*, para além da análise única dos aspectos ideológicos veiculados na escrita da história. Busquei, portanto: compreender o “lugar social⁷” da editora e do autor da obra; analisar a estruturação

4 Idem, *ibidem*, p. 559.

5 Idem, *ibidem*, p. 559.

6 CHOPPIN, Alain. História dos Livros Didáticos e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004, p. 555.

7 De acordo com Michel de Certeau: “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões que lhe serão propostas, se organizam. CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*, pp. 66-7.

da obra, assim como do capítulo; averiguar os aspectos formais (cor, papel, letra, arranjo), título e subtítulos referidos ao conflito platino; identificar as tipologias documentais/ fontes apresentadas para análise do conteúdo; averiguar as atividades propostas e o processo de avaliação; e, sobretudo, identificar e refletir a respeito da concepção historiográfica constante na abordagem do conteúdo que se configura em objeto desse artigo.

Fruto de uma política nacional referente à produção, adoção, recepção, circulação e descarte dos Livros Didáticos, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) do ano de 2014, apresentou Resenha das 20 (vinte) Coleções Didáticas aprovadas pelos Avaliadores da Área de História. Destinadas a adoção na Rede Pública de Ensino Básico a indicação das Coleções reportam-se aos anos de 2014, 2015 e 2016; dentre as Coleções avaliadas pelos Avaliadores de Área consta a Coleção Didática denominada *Projeto Radix: História*, de autoria de Cláudio Vicentino. O código da Coleção é 27462COLO6, a edição que trabalho nesta reflexão é a 2. (segunda), e foi publicada no ano de 2012.

PROJETO **RADIX**

raiz do conhecimento

História

MANUAL DO
PROFESSOR

**Material de
divulgação da
Editora Scipione**

Obra e objetos digitais
inscritos no PNLD 2014.

Antes de efetuar sua escolha,
consulte os objetos digitais
aprovados pelo MEC no site

www.abrileducacao.com.br/pnld2014

HISTÓRIA

Cláudio Vicentino

8^o
ANO

CÓDIGO DA COLEÇÃO
27462COL06



editora scipione

Seja bem-vindo

Neste curso de História você vai conhecer personagens, lugares e acontecimentos do Brasil e das diversas regiões do mundo, desde os primórdios da humanidade até os dias atuais.

No estudo da História, você encontrará inúmeras oportunidades para relacionar o passado com o presente e construir o conhecimento sobre os mais variados assuntos de maneira crítica. Acreditamos que estudar História dessa forma nos ajuda a compreender cada vez mais o mundo em que vivemos. É um rico caminho para desenvolver o senso crítico, a capacidade de análise e entendimento e a percepção das permanências e mudanças presentes nas sociedades contemporâneas.

Adquirir o conhecimento histórico de forma consciente significa descobrir as mudanças que precisam acontecer em nossa sociedade e defender aquilo que já foi conquistado ao longo dos anos em favor do ser humano.

Com esta coleção, estamos oferecendo a você os fundamentos da disciplina de História, a base que você precisa para desenvolver seus estudos e sua cidadania. Convidamos você a mergulhar nessa experiência.

Bom ano de estudo!

O autor

3

Figura 1: Capa e Prefácio do livro *Projeto Radix: História* de autoria de Claudio Vicentino, destinado ao 8º Ano do Ensino Fundamental, 2. edição, publicado em 2012, pela Editora Scipione, no formato 27,5x 20,5cm, impressão colorida.

A Coleção *Projeto Radix: História* é publicada pela Editora Scipione que se destaca no mercado editorial pela publicação de obras didáticas e paradidáticas, como informado na página de

divulgação da referida Editora, no link *Quem Somos*:

Há mais de 20 anos, a Editora Scipione desenvolve produtos didáticos e paradidáticos de autores renomados, brasileiros e estrangeiros. A preocupação em acompanhar as mudanças e as necessidades do cenário educacional sempre norteou sua atuação. Dessa forma, a Scipione se consolidou como uma editora inovadora e parceira dos professores, lançando grandes sucessos pedagógicos e literatura de qualidade. Investir na prestação de serviços também faz parte de suas prioridades: showrooms em todo o território nacional, cursos de capacitação de professores, assessoria pedagógica personalizadas e projetos como Igualdade na Diferença, Alfabetização e Letramento e Projeto On-line Reencontro Infantil completam o compromisso que a Scipione tem com a educação brasileira⁸.

Conforme apontado nesta apresentação a Editora se especializou, ao longo das décadas, na edição e publicação de obras de autores “renomados, brasileiros e estrangeiros”; é o caso do autor da Coleção *Projeto Radix: História*, Cláudio Vicentino⁹, que se dedicou a produção de obras didáticas na referida área, tendo de sua autoria, além do *Projeto Radix: História*, destinado ao Ensino Fundamental II, as seguintes publicações cujo público alvo é o do Ensino Médio: *História Geral* (11. ed., 2011) e *Atlas Histórico Geral e do Brasil* (2011), ganhador do Prêmio Jabuti no ano de 2012; e em conjunto com o autor Gianpaolo Dorigo assina as obras didáticas: *História Geral e do Brasil – Acompanha Atlas e História do Brasil* (3. ed., 2011).

No que se relaciona a apresentação da Coleção *Projeto Radix: História*, a Editora Scipione, através de seu *site*, assim a definiu:

O Projeto Radix, da editora Scipione, é um projeto completo e prático para o dia a dia de alunos e professores. Apresenta conteúdos de

8 Site: <http://galeriadigital.scipioneatica.com.br/galeriadigital/?opc=119&art=348&set=0&url=projeto-radix>. Acessado em 23 de junho de 2014 às 11h:39min.

9 De acordo com a página de divulgação da Editora Scipione: “Cláudio Vicentino é bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP); professor de cursos pré-vestibulares e de Ensino Médio. É autor de várias obras, didáticas e paradidáticas para Ensino Fundamental e Ensino Médio”. Site: <http://www.scipione.com.br/SitePages/autores.aspx?Autor=1290>. Acessado em 23 de junho de 2014 às 11h:48min.

qualidade, desenvolve o raciocínio lógico do aluno e capacita-o a interpretar criticamente a realidade.

. Cada volume está dividido em **8 módulos**, que correspondem aos períodos do ano letivo.

. Apresentam **sessões em comum**, possibilitando que o aluno desenvolva estudos sobre o mesmo tema, porém sob a ótica de cada disciplina.

. Um grande diferencial do Projeto Radix são as atividades relativas aos **8 Jeitos de Mudar o Mundo**, plano de metas da ONU para um mundo melhor¹⁰.

Tendo em vista tais informações averigui que a Coleção é composta por 4 (quatro) volumes destinados ao Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º Anos), sendo que cada volume é composto por 8 (oito) módulos, subdivididos em Capítulos e suas respectivas seções. Cada módulo destaca-se de acordo com a editoração por títulos marcantes e que são identificados por cores vibrantes. Cada Capítulo inicia com a sessão *Para começo de conversa*, seguida do *texto base*; destacam-se ainda outras sessões: *Algo a+*; *Aprendendo a Fazer*, *Atividades*; e, *Trabalho com Documentos e Lendo Textos*. Em cada volume consta também a sessão de nome *8 Jeitos de Mudar o Mundo* e, é apresentado um *Caderno de Atividades Complementares*.

O volume destinado ao 8º Ano apresenta 328 páginas, sendo organizado em 8 (oito) módulos, apresentados nas 301 primeiras páginas; uma sessão intitulada *Navegando na Internet* que vai da página 302 a 304, outra denominada *Dicas para o Aluno Navegador* que contempla as páginas de número 305 até 310. Apresenta, ainda, um *Caderno de Atividades* que vai da página 311 a 321, assim como a sessão *Para Saber Mais* que consta entre as páginas 322 e 328; e, por fim o *Manual do Professor* disposto nas páginas de número 1 a 120.

Tendo em vista que “O livro, como mercadoria, obedece a critérios de vendagem, e por essa razão as editoras criam mecanismos de sedução junto aos professores [...]”¹¹ e, também

10 Site: <http://www.scipione.com.br/SitePages/A-editora/Conheca-nossa-historia.aspx?Exec=1>. Acessado em 23 de junho de 2014 às 11h:46min.

11 BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 311.

materializam “instrumentos de sedução” cujo foco é o aluno, o *Projeto Radix: História* em sua concepção editorial/informacional incorpora textos e boxes complementares ao texto principal, assim como Vocabulário de apoio para o estudante.

Vale ressaltar que do ponto de vista pedagógico a Coleção agregou atividades que permitem ao educando experimentar o exercício com diversas tipologias documentais/ fontes, tais como: mapas, fotografias, charges, pinturas, quadros, artigos de jornais, entre outras. É composta ainda pelo *Objeto Educacional Digital (OED)* que oferece possibilidades *on-line* no que concerne ao processo de ensino-aprendizagem, como uma das estratégias de cativar/ seduzir o aluno.

No *site* da Editora o educador encontra algumas ferramentas de apoio, por exemplo, pode acessar a galeria digital e conhecer a proposta da *Coleção Radix* nas diferentes áreas do saber (matemática, biologia, língua portuguesa etc).

A Coleção Didática Projeto Radix: História e a Guerra do Paraguai: entre inovações e permanências

[...] o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como o do médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário e conjectural. (Carlo Ginzburg, *Mitos, Emblemas, Sinais*, 1989)

O conteúdo associado à Guerra do Paraguai está disposto no Módulo 8 no Capítulo 15 cognominado *A política no Segundo Reinado* (pp. 258-275); tal Módulo abarca as páginas de número 258 a 298, tendo em vista que o Módulo 8 é composto pelo Capítulo 15 e o Capítulo 16 nominado *O fim do Império* (pp. 276-298). Para esta reflexão me interessa em especial os conteúdos que são abarcados entre as páginas 265 e 269, isto é: a) As tensões internacionais – a Bacia do Prata; b) Brasil contra Oribe e Rosas; c) Brasil contra Aguirre; e, d) A Guerra do Paraguai. Relevante também é a análise das atividades que são propostas entre as páginas 270 a 274.

No que tange a concepção historiográfica da Coleção em questão, portanto as que norteiam a elaboração, análise e abordagem dos conteúdos apresentados, o autor Cláudio Vicentino nos fornece algumas pistas no que se configura como Prefácio e intitula-se *Seja bem-vindo*; ao apresentar a obra aos estudantes o escritor afirmou que: “Neste curso de História você vai conhecer personagens, lugares e acontecimentos do Brasil e das diversas regiões do mundo, desde os primórdios da humanidade até os dias atuais”¹² (grifo nosso), o que nos remete a ideia de uma concepção historiográfica calcada em personagens e como uma sucessão de acontecimentos que devem ser compreendidos por educadores e educandos.

Embora no *Manual do Professor* Vicentino aponte que

A História ensinada sem sala de aula deixou de ser um relato único e linear sobre a trajetória da humanidade ao longo dos séculos ou milênios. Passou a ser vista, em especial, como instrumento de reflexão sobre o tempo presente. Em outras palavras, nos últimos anos, a História tem sido importante mecanismo de análise e compreensão do mundo que cerca o aluno¹³.

O mesmo *Manual* permite compreender contradições que cercam a concepção historiográfica da obra na medida em que o autor afirmou que

A coleção desenvolve os conteúdos de forma cronológica, reunindo o estudo da História do Brasil com o da História geral. Acreditamos que a ordem cronológica, mais do que citação de datas, é um caminho viável para que os alunos possam apreender as noções de tempo (duração, simultaneidade, anterioridade, posteridade)¹⁴. (grifo nosso)

E, também:

Entre os principais objetivos desta obra está o de levar os alunos a compreender os variados processos históricos em uma perspectiva

12 VICENTINO, Cláudio. *Op. Cit.*, p. 3.

13 VICENTINO, Cláudio. *Manual do Professor. Op. Cit.*, p. 5.

14 VICENTINO, Cláudio. *Manual do Professor. Op. Cit.*, p. 6.

abrangente, que trata de aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, fazendo-os perceber o encadeamento dos acontecimentos ao longo do tempo¹⁵.

Embora o autor dialogue com referenciais clássicos da historiografia da História e do ensino de História, como Eduard P. Thompson, Eric Hobsbawm e Circe Bittencourt, a opção por uma História cronológica, linear e de base europeia permeou a análise dos conteúdos que abrangem a obra.

Ainda no *Manual do Professor* explicou que:

Quanto à seleção de conteúdos, esta obra pode parecer eurocêntrica, pois foi realizada com base nos conhecimentos consolidados nas últimas décadas do ensino de História. Entretanto essa escolha de conteúdos tem razão de ser, e desde já afirmamos que não é a de adotar uma concepção de História que toma como modelo as sociedades europeias. Na verdade, ela obedece a outros pressupostos. Trata-se de um repertório cultural e socialmente reconhecido no âmbito escolar há muito tempo. E não por acaso. A sociedade brasileira tem na Europa um de seus principais pilares, sendo importante aos estudantes reconhecer essas origens¹⁶. (grifo nosso).

Uma atenta leitura e análise permite afirmar que Vicentino em sua justificativa acabou por legitimar um discurso hegemônico que estabelece como único caminho para o estudo da História, no caso da do Brasil e da América, o viés calcado em marcos referenciais cujos acontecimentos são alusivos à história europeia. Afinal, quais conhecimentos foram consolidados no ensino de História? Ou, ainda, quem os avalizou? Em qual contexto foram avalizados? Quem estabelece que esse repertório seja reconhecido no âmbito escolar há muito tempo? Tais questões são importantes na mediação entre o que foi estabelecido e as possibilidades de novas abordagens.

Esta configuração historiográfica permeou a abordagem dos conteúdos/ explicações relativos à Guerra do Paraguai. Seguindo um viés linear e cronológico o autor privilegiou o desencadeamento das questões políticas, militares e diplomáticas

15 VICENTINO, Cláudio. *Manual do Professor*. *Op. Cit.*, p. 6.

16 VICENTINO, Cláudio. *Manual do Professor*. *Op. Cit.*, p. 7.

que caracterizavam a região Platina à época.

Apresentando as questões políticas que envolveram o Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai na primeira metade do século XIX, expôs as intervenções do Brasil no Uruguai, assim como as disputas políticas que pautaram as relações entre as duas nações no item nominado *As tensões internacionais – a Bacia do Rio da Prata*. Destaca-se como elemento explicativo para compreender tais disputas a sessão *Algo a+*, que nessa situação específica de aprendizagem trouxe um texto explicitando as origens dos problemas ocorridos entre o Império brasileiro e a Inglaterra que culminaram na Questão Christie; fato esse relevante para a compreensão da participação ou/não da nação inglesa no conflito platino.

algo a +

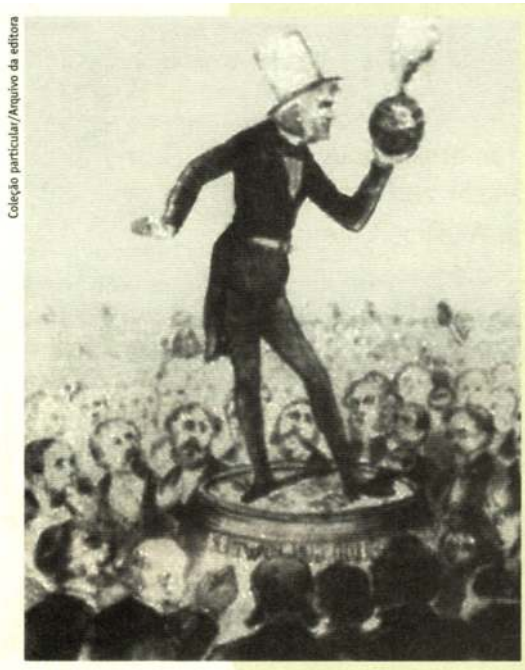
As relações entre Brasil e Inglaterra

A pressão exercida pelos ingleses para a extinção do tráfico de escravos, especialmente a partir da decretação da *Bill Aberdeen*, foi encarada como uma tentativa de ingerência estrangeira em assuntos nacionais, porque afetava diretamente os interesses das elites rurais. Esse fato, aliado à concorrência comercial entre ingleses e brasileiros, ajudou a desenvolver um crescente sentimento antibritânico no país.

No início dos anos 1860, as tensões entre Brasil e Inglaterra intensificaram-se após dois incidentes envolvendo ingleses. O primeiro ocorreu em 1861, quando o navio inglês *Príncipe de Gales*, que carregava mercadorias para o Uruguai, naufragou no litoral do Rio Grande do Sul. A carga, salva e levada para a costa, foi roubada por desconhecidos. Irritado com o acontecimento, o embaixador britânico William Christie exigiu o acompanhamento das investigações por um oficial inglês e que o governo brasileiro indenizasse a Inglaterra.

Figura 2: Sessão *Algo a+* - *As relações entre Brasil e Inglaterra*. VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012, p. 264.

Apresenta ainda um box com Vocabulário, definindo as palavras: arbitrar, indenizar e ingerência, como também uma Caricatura do embaixador britânico Willian Dougal Christie:



Coleção particular/Arquivo da editora

Figura 3: Caricatura do embaixador britânico Willian Dougal Christie, acompanhada do seguinte texto: “[...] o embaixador britânico Willian Dougal Christie que, do alto de um barril de pólvora, segura uma bomba com os dizeres “direito das gentes”. Desenho de autoria desconhecida, reproduzido na revista *Semana Ilustrada*, publicada em data incerta entre 1861 e 1863. O embaixador Christie representou a Inglaterra no Brasil, entre 1859 e 1863, e de forma autoritária valorizou os interesses de seu país em detrimento do diálogo e da negociação entre as nações. In: Sessão *Algo a+ - As relações entre Brasil e Inglaterra*. VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012, p. 264.

Cabe destacar, que embora ocorra a incorporação da charge no texto a mesma não é retomada/ pensada e problematizada em nenhuma situação de ensino aprendizagem que permita ao

educando refletir sobre o papel que desempenha no texto.

Os mapas apresentados nas páginas 265 – Bacia do Prata e as Guerras Platinas (século XIX), 269 e 274 – As batalhas da Guerra do Paraguai (1865-1870), embora apresentem qualidade no que tange ao aspecto formal (cor e legibilidade), evidenciam a concepção de uma história política, calcada em “grandes batalhas”. O primeiro mapa destaca as disputas territoriais na Bacia do Prata, associando a um quadro que sistematiza a dinâmica dessas relações, sem contudo propor ao aluno questões que levem-o a dialogar e interpretar os conteúdos presentes no Mapa e no Quadro.

O mapa referente às Batalhas da Guerra do Paraguai constante à página 269 é retomado à página 274 na proposição da atividade denominada *Vamos analisar Mapas*, entretanto as questões propostas, a saber: a) Em que regiões ocorreram as principais batalhas da Guerra do Paraguai? b) Por que os conflitos receberam o nome de “dezembradas”? c) Quais foram suas principais consequências? corroboram a concepção historiográfica apontada no parágrafo anterior.

AS BATALHAS DA GUERRA DO PARAGUAI (1865-1870)

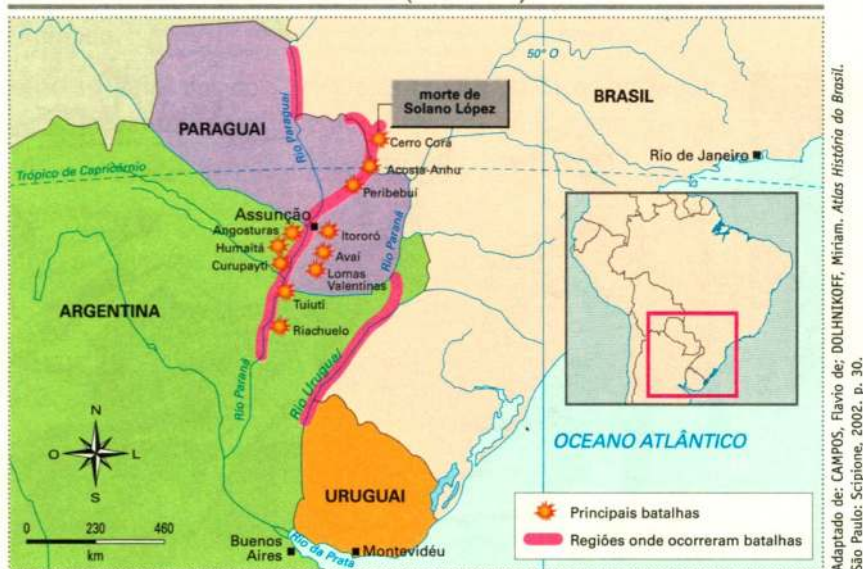


Figura 4: Mapa – A Guerra do Paraguai. As Batalhas da Guerra do Paraguai (1865-1870). VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012, p. 269 e 274.

Nesse contexto o autor Cláudio Vicentino, inseriu a figura de Solano López e do Paraguai em sua narrativa histórica. Na disputa entre *blancos e colorados* e do *Brasil contra Aguirre*, afirmou que: “O Uruguai, nessa época, era governado pelo *blanco* Anastácio Cruz Aguirre, com o apoio do governante paraguaio **Francisco Solano López**, criador de uma respeitável marinha fluvial e de um poderoso exército em seu país”¹⁷. (grifo nosso).

Ratificando a ideia de que o líder guarani, Solano López, havia estruturado um poderoso exército, explicou o apoio de López a nação uruguaia e sua posição contrária as constantes intervenções brasileiras no Uruguai; em seguida, introduziu o conteúdo associado à Guerra do Paraguai. A análise de Vicentino conteve-se a uma rápida explicação das políticas

¹⁷ VICENTINO, Cláudio. *Op. Cit.*, p. 267.

adotadas pelos governantes paraguaios após a independência¹⁸ e a ascensão de Solano López ao poder; fato que ocorreu em 1862, mas que não é contextualizado pelo autor, ficando o educando sem compreender o complexo cenário que se estabeleceu no Prata¹⁹ neste ano e, que explica em grande medida a eclosão da Guerra. Mais uma vez reforçou a ideia da constituição de um poderoso exército paraguaio ao afirmar que: “Em 1864, o Paraguai possuía um exército bem treinado e suficientemente forte para dar início à expansão” (grifo nosso), o que nos permite auferir ainda a veiculação da concepção do desejo por parte de Solano López de empreender uma campanha visando à constituição de um “Paraguai maior”.

Vicentino prosseguiu com sua explicação narrando as batalhas que marcaram o conflito platino, como as de Riachuelo, Tuiuti e a Dezenbrada; citando a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança; e, a questão da formação do Exército nacional imperial através da campanha dos Voluntários da Pátria.

Além dos Mapas, as batalhas que marcaram o teatro de operações que se desenvolveu no conflito platino recebeu destaque, ainda, na apresentação de uma Pintura:

18 O autor aponta como ano da Independência paraguaia o de 1813; entretanto a historiografia concernente ao tema aponta o ano de 1811 como o da Independência paraguaia.

19 O ano de 1862 foi marcado: pelo fim da moratória entre Brasil e Paraguai que envolvia questões relativas à livre navegação e definição das fronteiras; pela morte de Carlos Antonio López governante do Paraguai; e, pela ascensão do Partido Liberal ao poder no Império brasileiro; tal conjuntura favoreceu a eclosão da Guerra do Paraguai.



Figura 5: À esquerda da Pintura consta o texto: “A pintura ao lado, *Assalto da segunda coluna brasileira a Curupayti*, de Candido Lopez, representa a Batalha de Curupayti, de 1866, e destaca um assalto das tropas brasileiras (à esquerda) sobre os exércitos paraguaios”. **A Guerra do Paraguai.** VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012, p. 268.

Ao contrário dos Mapas essa imagem não apresenta nitidez e legibilidade, ao mesmo tempo, em que não é acompanhada de questões que possam auxiliar o aluno na leitura da imagem, como por exemplo: a) Quem foi Candido Lopez? b) Quando foi produzida esta obra? c) Qual o tamanho dessa pintura? d) O que enxergam na pintura? e) Qual a importância dessa batalha no contexto da Guerra?, figurando assim como mero elemento ilustrativo que acompanha o texto principal.

Após destacar as batalhas evidenciou a situação em que as nações envolvidas no conflito, no caso Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai se encontraram no pós-guerra. Nesta reflexão destaca-se uma charge:



Figura 6: A Guerra do Paraguai. VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: História. 2.* ed. São Paulo: Scipione, 2012, p. 269.

Novamente o autor pecou ao não fornecer elementos para o educando interpretar/ fazer sua própria leitura da charge; ao invés de interpor questões que fornecessem suporte a análise do aluno, apenas pontuou que: “Na charge acima, a rainha inglesa presta apoio à Tríplice Aliança na guerra contra o Paraguai. Observe o aspecto irônico da rainha – sentada em uma cadeira de balanço e fumando um charuto – que se beneficiava com a continuidade dos conflitos”²⁰. (grifo nosso).

Nesse conteúdo destaca-se à página 266 a presença de um *Objeto Educacional Digital (OED)*, recurso eletrônico que se reporta aos principais eventos políticos no Brasil durante o Segundo Reinado.

²⁰ VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: História. 2.* ed. São Paulo: Scipione, 2012, p. 269.



Figura 7: A Guerra do Paraguai. Objeto Educacional Digital (OED). In: VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012, p. 269. *Site:* <http://www.portalradix.com.br/conteudo-para-sua-aula/conteudo.aspx?IdConteudo=18405> – Acessado em 25 de junho de 2014, às 11h:13min.

Questionando os alunos a respeito de como estão “seus conhecimentos” relativos à História do Brasil, especificamente no Segundo Reinado, a hipotética Profa. Selma os convida a responder a algumas questões. O OED é composto por 10 questões objetivas de múltipla escolha; cada questão oferece quatro alternativas (A, B, C ou D) para que o aluno assinale. As questões são apresentadas ao educando com um gesto da Professora e, este com o *mouse* deve clicar na que entende como correta; a Profa. Selma no caso de assertiva movimentava o braço, mãos e dedos com o sinal de positivo e uma feição que remete a satisfação; em caso de resposta incorreta a educadora virtual une as mãos e seu semblante configura-se em pesar.

Das 10 (dez) questões apresentadas 5 (cinco) reportam-se a temática que norteia essa reflexão, sendo a questão de nº 3 relacionada aos conflitos platinos que o Brasil se envolveu na região platina; a nº 4 referente a quais Partidos Políticos disputavam o poder no Uruguai; a nº 5 evoca a política efetivada por Solano López a partir de 1862; a de nº 6 questiona sobre as consequências que a Guerra do Paraguai trouxe a nação;

e, finalmente, a de nº 7 que inquirir o aluno sobre a situação paraguaia anterior ao conflito.

Após analisar a proposta deste OED destaco que a forma como as questões foram formuladas não permitem ao educando pensar/refletir/analisar/interpretar sobre o conteúdo que está sendo estudado. A proposição é a sistematização do conteúdo, através arrisco em afirmar, da memorização na qual você é parabenizado (ACERTO) ou punido (ERRO). A concepção do OED como instrumento de efetivação/vivência da aprendizagem também não se configura neste OED, em especial. O aluno não interage com a proposta, tampouco com o conhecimento que foi traduzido em ERRAR ou ACERTAR. Compreendo que a mudança de suporte, no caso do papel para o digital, não alterou a forma como o conhecimento adquirido pelo aluno está sendo avaliado.

Entretanto na Coleção Didática *Projeto Radix: História*, algumas de suas proposições se destacam, é o caso, por exemplo, da Seção *Aprendendo a fazer – Pesquisa*, que entre os temas sugeridos como norteadores do processo de pesquisa seja: *A Guerra do Paraguai: os diferentes interesses em disputa*, assunto amplo que pelas orientações do autor para efetivar a pesquisa, pode levar o aluno a refletir, sistematizar e elaborar sua interpretação sobre a temática.

Destacam-se, ainda, as Atividades que são propostas aos educandos nas Sessões intituladas: *Vamos Retomar*, *Vamos Observar uma Imagem*, *Vamos Analisar uma Charge*, *Vamos Analisar um Anúncio* e *Vamos Analisar Mapas*.

Em especial as Sessões *Vamos Analisar uma Charge* e *Vamos Analisar um Anúncio*, concernente a Guerra do Paraguai propõe ao educando questões reflexivas que o permitem ler/ interpretar as fontes. A Charge que representa o recrutamento de voluntários para a Guerra de autoria de Ângelo Agostini e um anúncio retirado do artigo “Obá, um voluntário da pátria”, proporcionam ao educando pensar a fonte e o conteúdo histórico de forma instigadora e investigadora. Tal proposição vai de encontro às discussões historiográficas atuais de incorporação de diferenciadas fontes para mediar o aprendizado dos conteúdos históricos.

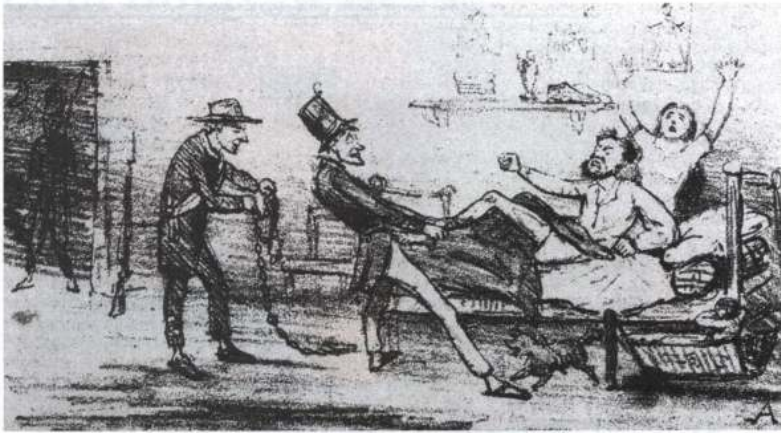


Figura 8: Charge de Ângelo Agostini, publicada em Cabrião (São Paulo), em 1867. Representa o recrutamento de voluntários para a Guerra do Paraguai. In: VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012, p. 273.

São propostas as seguintes Questões para o aluno desenvolver:

- 1) Qual a crítica bem-humorada feita pelo autor da charge?; e, 2) é possível dizer que o recrutamento na charge pertence às elites políticas brasileiras? Por quê?

Diário da Bahia, 14 de outubro de 1865: Atenção. Quem precisa de uma pessoa para marchar para o sul em seu lugar, e quiser libertar um escravo robusto, de vinte anos, que deseja incorporar-se ao exército, declare por este jornal seu nome e morada onde possa ser procurado, e por preço cômodo achará quem lhe substitua nos contingentes destinados à guerra.

SILVA, Eduardo. O príncipe Obá, um voluntário da pátria. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães. *A Guerra do Paraguai, 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. p. 71.

Figura 9: Anúncio de substituição de alguém que não queira ir guerrear no Paraguai. In: VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012, p. 273.

No que se refere à análise do Anúncio quatro questões são dirigidas ao educando: 1) Onde e quando foi publicado esses anúncio? O que está anunciado?; 2) Quem seria o ofertante?; 3) Para quem o anúncio era dirigido?; e, 4) imagine que você é o escravo desse anúncio e considere: quais vantagens ou desvantagens adviriam para a sua vida se esse negócio se efetivasse?

A proposição dessas questões permitem ao aluno dialogar com dois tipos de fontes históricas e, ao mesmo tempo, formular um saber sobre o assunto em questão.

Embora já no *Capítulo 16 – O fim do Império*, a Charge *De volta do Paraguai*, de Ângelo Agostini, que abre a Sessão *Para Começo de Conversa* e, alusiva à situação vivenciada pelos negros que retornavam do teatro de operações da Guerra do Paraguai, indica quatro perguntas que permitem ao aluno interagir com a especificidade dessa tipologia documental; duas dessas questões reporta-se a situação do negro no contexto da Guerra do Paraguai e as outras duas dialoga com outra charge e permite introduzir o educando nos conteúdos relacionados ao contexto abolicionista: 1) de onde o soldado da charge I está retornando?, 2) O que o caricaturista italiano Ângelo Agostini representa na charge I?, 3) Com base na legenda e na observação da imagem, o que está sendo representado na charge II?; e, finalmente, 4) Partindo da observação das imagens e das informações que você possui do processo abolicionista, é possível afirmar que a abolição da escravidão foi tardia?



▲ De volta do Paraguai, charge de Ângelo Agostini, de 1870.

Figura 10: Charge de Ângelo Agostini, *De volta do Paraguai*, de 1870. In: VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012, p. 276.

Outro ponto da obra que merece destaque é a *Sessão Para saber mais*, que indica ao educador livros e filmes que estão relacionados aos conteúdos desenvolvidos nos capítulos da Coleção; no que se associa a Guerra do Paraguai é indicado um filme o *Guerra do Brasil* de direção de Silvio Back (1987) e um livro paradigmático denominado *Guerra do Paraguai* de autoria de Wanderley Loconte (Ed. Ática).

No *Manual do Professor* merece referência a Sessão intitulada *Educação Continuada: indicações de leitura*, que para mediar o conhecimento acerca da Guerra do Paraguai relaciona autores como: Francisco Fernando Monteoliva Doratioto, Julio José Chiavenato, Maria Eduarda Marques e Ricardo Salles, assim como a Sessão *Sugestão de Atividades Complementares* que nas orientações para o desenvolvimento do Capítulo 16, no item *Comparando Textos de Livros Didáticos*, propõe uma leitura e análise comparativa de trechos de dois Livros Didáticos – um brasileiro e um paraguaio – para pensar as versões relativas ao conflito platino.

Considerações Finais ou o que ensinamos sobre a Guerra do Paraguai

A Coleção Didática *Projeto Radix: História* insere-se no quadro da configuração das políticas nacionais para o Livro Didático, nesse sentido incorpora em sua concepção inúmeros quesitos exigidos na atualidade para que a Coleção venha a figurar no Guia de Livros Didáticos. Antenados com tais discussões a equipe responsável pela Coleção apresenta uma obra que incorpora: a pluralidade de fontes históricas; a legislação que diz respeito a questões fundamentais como as relacionadas à Cidadania, a Indígena e a História da África e dos povos afrodescendentes; um projeto gráfico arrojado e atrativo; diferentes propostas de avaliação (textos e atividades); as discussões tecnológicas; a preocupação com a formação continuada do docente, entre outros aspectos.

Entretanto no que se refere à concepção de História a Coleção mantém-se ainda calcada em pressupostos tidos como tradicionais pelos estudos históricos e historiográficos. A apresentação dos conteúdos de forma linear, cronológica e tendo como base a história europeia não rompe com as inúmeras críticas dirigidas a forma como as concepções das Coleções Didáticas são gestadas.

Embora o autor demonstre conhecimento acerca da produção historiográfica recente sobre a temática da Guerra do Paraguai, na

medida em que cita obras como as de Marques, Doratioto e Salles, ao mesmo tempo, apresenta um profundo distanciamento desses saberes, tendo em vista que não incorporou em sua narrativa os diversos sujeitos que perpassaram o conflito platino, as inúmeras abordagens da Guerra e os infindáveis objetos que se delinearam nas últimas décadas. Homens, mulheres, indígenas, comerciantes, comércio, cotidiano, saúde, alimentação, infraestrutura, entre tantos outros aspectos que podem e devem ser evidenciados não constam em sua análise. Esta manteve uma narrativa linear, cronológica, política e militarizada, na qual privilegiou nomes, heróis, batalhas e datas.

Tais constatações me permitem auferir que tal permanência no processo de ensino-aprendizagem sobre os conteúdos concernentes a Guerra do Paraguai, relacionam-se a uma concepção de história que permanece tanto na elaboração dos currículos escolares, como na prática profissional dos autores de Livros Didáticos. Creio que até o momento o olhar de nós pesquisadores da área de ensino voltou-se para uma explicação simplista de que as renovações historiográficas não alcançavam os Livros Didáticos, compreendendo essa questão quase que como normatizada. Para, além disso, sugiro pensarmos no problema relacionado à qual professor estamos formando nos inúmeros cursos de Licenciatura em História do país e, com qual prática e concepção de História estamos formando; afinal, parte desses professores passam a dedicar-se a produção de Livros Didáticos de História. Percorrendo pistas sobre essa questão acredito que estaremos no caminho de promover uma ruptura em relação ao saber e ao fazer históricos, sobretudo o que concerne ao da Guerra do Paraguai, objeto primeiro desta análise.

Referências bibliográficas

ALAMBERT, Francisco. Para que serve Guerra, hoje? *Coletâneas do Nosso Tempo*. Ano 4, n° 04 e 05, set. 2000/2001. Cuiabá: Editora Universitária, 2001, pp. 31-37.

BANDEIRA, Moniz. *O Expansionismo brasileiro e a formação dos Estados da Bacia da Prata: da colonização à Guerra da Tríplice Aliança*. 2. ed. São Paulo: Ensaio; Brasília: Editora UNB, 1995.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (História da Educação)

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Ed. EDUSC, 2004.

CERQUEIRA, Evangelista de Castro Dionísio. *Reminiscência da campanha do Paraguai, 1865/1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, [19?].

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, pp. 65-119.

CHIAVENATO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHOPPIN, Alain. Los manuales escolares de ayer a hoy: ejemplo de Francia. *Hist. Educa.*, 19, 2000, pp. 13-37. (Ediciones Universidad Salamanca).

_____. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFpel, Pelotas (11): 5-24, abr. 2002.

_____. História dos Livros Didáticos e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

_____. Política dos livros escolares no mundo: perspectiva comparativa e história. *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFpel, Pelotas, v. 12., n. 24, p. 9-28, jan./abr., 2008.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FERRO, Marc. *A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação*. Tradução de Wladimir Araujo. São Paulo: IBRASA, 1983.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. *Soldados e negociantes na Guerra do Paraguai*. São Paulo: Humanitas; FFLCHUSP; FAPESP, 2001.

FRAGOSO, Augusto Tasso. *A paz com o Paraguai depois da guerra da Tríplice Aliança*, [19?].

_____. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. 2. ed. Rio de

Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1956. (v. 1).

_____. _____.2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1957. (v. 2).

_____. _____.2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1958. (v. 3).

_____. _____.2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1959. (v. 4).

_____. _____.2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960. (v. 5).

GASPARELLO, Arlette Medeiros. *Construtores de Identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.

GUIA de Livros Didáticos: PNLD 2014. *História: ensino fundamental: anos finais*. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2013.

LEMOS, Renato. *Cartas da Guerra*. Benjamin Constant na campanha do Paraguai. Transcrição, organização e introdução de Renato Lemos. Rio de Janeiro: IPHANMuseu Casa de Benjamin Constant, 1999.

MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (Org.). *Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1995.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais. *História: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental*. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 1998.

REBOUÇAS, André. *Diário e notas autobiográficas*. Organização de Ana Flora e Ignacio Rose Verissimo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

_____. *Diário*. A Guerra do Paraguai. Introdução e notas de Maria Odila da Silva Dias. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, [19?].

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (orgs). *A história na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca (orgs). *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do*

exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. *Guerra do Paraguai: memórias e imagens*. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2003.

SILVA, Eduardo. O príncipe Obá, um voluntário da Pátria. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães. *Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. 2. ed. ver. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, pp. 67-76.

SQUINELO, Ana Paula. As Reminiscências de Dionísio Cerqueira. *Folha do Povo*, Campo GrandeMS, 05 de novembro de 2000, Opiniões, p. 21.

_____. O Diário de André Rebouças. *Folha do Povo*, Campo GrandeMS, 12 de novembro de 2000, Opiniões, p. 21.

_____. O ensino de história e a Guerra do Paraguai. *Folha do Povo*, Campo Grande-MS, 03 de dezembro de 2000, Opiniões, p. 21.

_____. Impressões cotidianas da Guerra do Paraguai sob o olhar de dois protagonistas: um soldado e um engenheiro militar. *Cesur em Revista*, Rondonópolis, MT, 2(2): 2741, jan./jun., 2002.

_____. *A Guerra do Paraguai essa desconhecida: ensino, memória e história de um conflito secular*. Campo Grande. 2. ed. UCDB, 2003.

_____. *A Guerra do Paraguai ontem e hoje: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1868-2003)*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. Revisões historiográficas: a Guerra do Paraguai nos Livros Didáticos brasileiros – PNLD 2011. *Diálogos*, v. 15, n. 1, p. 19-39, 2011.

TORAL, André. *Adeus, chamigobrasileiro*. Uma história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Imagens em desordem*. A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

LIVROS DIDÁTICOS

POMBO, Rocha. *Nossa Pátria*. Narração dos factos da Historia do Brasil, através da sua evolução com muitas gravuras explicativas. 60. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo; Rio de Janeiro: Cayeiras, 1917.

_____. *Compendio de Historia da America*. 2. ed. Rio de Janeiro: Benkamin de Aguila, Editor, 1925.

_____. *História do Brasil*. 9. ed. rev. e atua. por Hélio Vianna. São Paulo: Edições Melhoramentos: 1960.

MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI Flávio Costa & FARIA Ricardo de Moura. *Os caminhos do homem*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1991. (4 volumes)

SCHMIDT, Mario Furley. *Nova história crítica da América*. 6. ed. São Paulo: Nova Geração, 1996.

_____. *Nova história crítica do Brasil: 500 anos de história mal-contada*. São Paulo: Nova Geração, 1997.

VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: História*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012.

SITES

Site: <http://galeriadigital.scipioneatica.com.br/galeriadigital/?opc=119&art=348&set=0&url=projeto-radix>. Acessado em 23 de junho de 2014 às 11h:39min.

Site: <http://www.scipione.com.br/SitePages/autores.aspx?Autor=1290>. Acessado em 23 de junho de 2014 às 11h:48min.

Site: <http://www.scipione.com.br/SitePages/A-editora/Conheca-nossa-historia.aspx?Exec=1>. Acessado em 23 de junho de 2014 às 11h:46min.

Site: <http://www.portalradix.com.br/conteudo-para-sua-aula/conteudo.aspx?IdConteudo=18405> – Acessado em 25 de junho de 2014, às 11h:13min.

FILMES

ALMA do Brasil. Produção: Alexandre Wulfes. Direção: Líbero Luxardo. Música: Bichara Jorge. Elenco: Antônio Cândido; Amadeu Amaral; B. Oliveira; Líbero Luxardo; Antônio Ribas; Otaviano de Souza; Francisco Xavier; João Mitton; Conceição Ferreira; Egon Adolfo; Daniel de Souza; Sátiro de Almeida. Campo GrandeMS, 1984. 1 fita de vídeo (40 min.), VHS, son., preto e branco. O primeiro filme nacional de reconstituição histórica, inteiramente sonorizado.

GUERRA do Brasil: toda a verdade sobre a Guerra do Paraguai. Silvio Back. Rio de Janeiro: Embrafilme/ FNDE, 1987. 1 fita de vídeo (1h 20 min.), VHS, son., color.

INOCÊNCIA. Direção: Lima Barreto e Walter Lima Júnior. Intérpretes: Edson

Celulari; Fernanda Torres; Sebastião Vasconcelos; RainerRudolph; Fernando Torres; Ricardo Zambelli e Chico Días. Paramount, 2005. 1 DVD (1h 18 m), son., color. Baseado no romance de Vizconde Taunay, a grande história de amor proibido.